

Líderes Globais para uma Igreja Global

Relatório do Secretario Geral
Jerome King Del Pino
Reunião de Organização do Conselho de Directores da
Junta Geral de Ensino Superior e Ministério
8 de Outubro de 2004
Nashville, Tennessee

Considero como uma bênção o facto de me juntar a todos vós nesta jornada que apenas iniciei não há muito tempo. Os comentários e as observações que quero fazer esta manhã, não só se fundamentam nas minhas conversas com os meus colegas da Junta, mas também se relacionam intimamente com a minha própria experiência. Sou filho de um pastor Metodista Unido e, em relação ao contexto pessoal da minha formação e experiência de fé, sou descendente da antiga Jurisdição Central. (A “Jurisdição Central” foi uma entidade conferencial segregada historicamente por razões raciais). Tenho dedicado a minha vida ao pastoreio de várias igrejas locais e exerci o cargo de professor por vocação. Ao chegar a esta fase da minha vida estou profundamente convencido de que Deus me concedeu esta oportunidade para servir a Igreja Metodista Unida desta forma. Por esta razão, à medida que as nossas variadas jornadas se unem no trajecto comum desta grande agência, espero que em conjunto possamos forjar uma equipa memorável que se dedique com visão, dinamismo e entusiasmo às questões que temos que enfrentar. Juntos nos esforçaremos por encontrar as melhores formas de capacitar esta igreja extraordinária para definir o seu rumo em relação à preparação de líderes para o século vinte e um.

Permitam-me dizer a todos vós que são directores pela primeira vez e reiterar aos directores que regressam para este quadriénio, que por fazerem parte integrante desta colectividade, se irão dedicar às tarefas mais importantes e mais desafiantes, se bem que mais inspiradoras, de que jamais foram encarregados. E não exagero ao dizer que, como funcionários e directores desta Junta, nos foi confiada a responsabilidade sagrada de liderar a Igreja Metodista Unida no trabalho de recrutamento, preparação e formação de líderes cuja missão é guiar a nossa denominação através das circunstâncias desafiantes, complexas e desconcertantes deste nosso mundo no século vinte e um. Com isto, quero dizer que, para nós, a questão da formação da liderança é o nosso trabalho principal. Na verdade, não é exagero dizer que estão a fazer parte de um grupo cuja principal preocupação se fundamenta essencialmente na resposta a dar a esta pergunta: *Quais devem ser as condições e os requisitos para formar e nutrir os líderes para que estes possam adquirir a visão, os fundamentos espirituais e teológicos e os conhecimentos intelectuais e as aptidões práticas, que são necessários para guiar a Igreja Metodista Unida no século vinte e um?*

Esta é uma pergunta fundamental que espera a nossa resposta, pois todas as declarações que fazamos e decisões que tomemos, giram à volta dela. É uma síntese total da fundamentação lógica que dá significado e propósito ao nosso trabalho e, no entanto, é

a força motriz que nos ajuda a manter “o primeiro plano como primeiro plano”, ou como o Bispo Joe Yeakel costuma dizer, “o que nos apaixonou e nos une”. Na verdade, mesmo uma análise superficial do nosso documento oficial denominado “Plano Estratégico”, revelará uma visão, uma missão e um sistema de valores fundamentais e de objectivos estratégicos que se concentram sem ambiguidades, com firmeza e sem desculpas, na necessidade premente de formar, apoiar e desenvolver líderes devidamente equipados para dar forma e orientação à igreja, para que esta, por sua vez, possa trazer uma visão global para um mundo global.

O que mais nos apaixonou sobre esta responsabilidade de oferecer uma formação sólida aos líderes do futuro, é o facto de que a Igreja Metodista Unida está a atravessar, se não uma crise de carência de líderes, pelo menos uma profunda sensação de ambivalência e de confusão acerca do tipo de liderança de que a igreja necessita hoje em dia e de que necessitará nos próximos anos. Actualmente, as razões que motivam esta crise, esta confusão, esta ambivalência e reticência que observamos em muitos dos grupos e organismos da igreja, são variadas e complexas. Não tenho a intenção de expor por agora as razões exaustivas que as causam. No entanto, para aqueles de nós que têm “ouvidos para ouvir e olhos para ver”, estas razões apresentam algumas pistas bem definidas.

Consideremos pois, a decisão tomada na última Conferência Geral de encaminhar para esta Junta Geral de Ensino Superior e Ministério, a petição que recebeu para formar “uma comissão de estudo para este quadriénio destinada a discutir os perímetros teológicos e a definir a relação administrativa de colaboração e convivência desta Junta com a Igreja Metodista Unida, para poder resolver a “ambiguidade contínua que afecta a denominação sobre como interpretar e compreender o significado e o propósito do ministério laico, do ministério autorizado e do ministério ordenado”. Estarão de acordo comigo ao dizer que este encargo constitui obviamente uma expressão legítima do apelo dos membros para que a igreja tenha líderes capazes de articular o que Deus está a realizar no mundo actualmente, com a claridade teológica e a integridade espiritual indispensáveis, que possam motivá-los a entregar-se sem reservas ao que Deus deseja que façamos pelo mundo?

Ou então, considerem o ambiente de discórdia que aflige a nossa igreja, ao recordarmos as discussões acaloradas e por vezes penosas que ocorreram na passada Conferência Geral. Acaso não foi a resolução tomada em prol da unidade e contra a separação, apesar da expressão não obstante “amistosa” que se ofereceu na manhã da última sexta feira da Conferência, um desejo genuíno de ter líderes que inspirem e possam oferecer um exemplo piedoso de conferenciar, com fidelidade ao melhor que o espírito do Metodismo representa, evitando reduzir a categorias simplistas a sua rica diversidade, com slogans ofensivos e agendas que têm uma natureza indiscutivelmente política? E que podemos dizer da erosão constante dos nossos vínculos metodistas unidos, evidenciada pela fixação míope sobre a igreja local como uma entidade que é o todo e a finalidade do todo à custa da visão mais ampla que é necessária para o bem-estar geral da denominação? Não estareis vós de acordo com que o desgaste pernicioso da trama dos vínculos que unem por agora a nossa relação denominacional reclama em voz

bem alta a necessidade de formar líderes cuja visão, para a missão e para os ministérios da igreja, possa ser tão ampla como os próprios nexos da nossa conexão?

Guiar a Igreja num mundo em mutação

Esta ambivalência, esta confusão e incerteza sobre as próprias características da liderança e sobre a forma que a sua preparação deve ter, surgem numa altura em que o mundo vive mudanças de proporções sísmicas. O nosso mundo; irmãs e irmãos, é um mundo em que as forças da globalização, as tecnologias que as acompanham nos abriram os olhos para uma diversidade vertiginosa de culturas, de pluralidades étnicas e de línguas, todas elas compostas por uma variedade impressionante de expressões e de compromissos políticos, económicos, sociais e religiosos. O mundo actual caracteriza-se pela constante migração de povos, de mercadorias, de capital e de serviços, a uma escala e a um ritmo inimagináveis, há cerca de cinquenta anos. Este movimento global está a colocar à deriva para sempre os limítrofes nacionais, políticos e económicos e as certezas sociais e religiosas que até há poucos anos proporcionavam uma sensação de segurança relativa, para muitos de nós, particularmente no Hemisfério Norte, uma sensação irreprimível de “pertencer a um local”, de identidade pessoal e comunitária. Estas mudanças sísmicas que sacodem a nossa aldeia global são interpretadas por alguns como o amanhecer de uma época “pós-modernista”, na qual vemos que desde o fabrico de sapatos desportivos até à identificação pessoal e comunitária, as lealdades políticas, sociais e religiosas, tudo isso está submetido ao jogo livre do mercado de valores e à lógica de uma cultura global consumista que galopa de forma acelerada. Contudo, o poder implacável da globalização e a disrupção e o realinhamento dos perímetros das relações políticas, sociais, económicas e religiosas que se seguem a tudo isso, são sentidos por milhões de pessoas como experiências profundamente alarmantes que levam muitos a responder com temor, ressentimento, cólera, e inclusive, em alguns casos, a recorrer à violência.

Uma das mudanças mais dramáticas e de grande alcance, dos efeitos sísmicos globais que exercerá um impacto profundo sobre a forma de entender e de actuar desta Junta ao desempenhar o seu trabalho durante os próximos anos, tem a ver com a flutuação demográfica ou populacional causada pela migração, pela imigração e pelo deslocamento voluntário e forçado das pessoas. Tomemos como exemplo os Estados Unidos. Segundo as projecções demográficas baseadas em dados de censos recentes, a população dos Estados Unidos aumentará mais drasticamente, até alcançar um número espantoso de 392 milhões de habitantes para o ano 2050. A sua composição será de um maior número de pessoas mais idosas, à medida que a geração dos chamados “*baby boomers*” (crianças nascidas após a Segunda Guerra Mundial, quando se deu uma explosão demográfica nos Estados Unidos) começarem a entrar na reforma e será também muito mais diversa. Este factor geracional alcançará um tal significado para as tarefas pastorais do século vinte e um, que é imprescindível que o tenhamos em consideração.

No ano 2002 a população de origem hispânica passou a constituir a maior minoria dos Estados Unidos e prevê-se que ao chegar ao ano 2050 constituirá um quarto da população a nível desse país. Até esse mesmo ano, a população de descendência negra

dos Estados Unidos terá duplicado em relação à sua actual constituição numérica e os residentes de origem asiática e oriundos das ilhas do Pacífico terão aumentado para até mais de cinco vezes o seu número actual. A contrastar com isso, até ao ano 2050 a população predominante branca, “não hispânica” terá declinado, de 69 por cento do total de população no ano 2000, para cerca de apenas um pouco acima de 50 por cento. Notemos que este incrível aumento de crescimento demográfico da população que se prevê que ocorrerá, é devido à constante imigração e ao aumento da mobilidade da população. Calcula-se que entre os anos de 1995 a 2025, cerca de um quarto de mil milhões de pessoas se mudará de um estado dos Estados Unidos para outro, enquanto que a imigração internacional continuará a acrescentar milhões de novos habitantes, encontrando-se em primeiro lugar o estado da Califórnia com 8 milhões, seguido pelos estados de Nova Iorque e da Florida. Na verdade, o maior crescimento global da população dos Estados Unidos ocorrerá nos estados do sul e do oeste, encabeçados pelos estados da Califórnia, do Texas e da Florida.¹

Agora, acrescentemos a este quadro as mudanças verdadeiramente espantosas que estão a ocorrer nos Estados Unidos e em todo o mundo, referentes à religião e às práticas e rituais de experiências religiosas e, por conseguinte à compreensão dos compromissos e práticas religiosas. Estas mudanças rivalizam com as mudanças demográficas e das populações, tal como já mencionei anteriormente. Em termos das implicações que nos apresentam, questionamos a forma como a igreja e, por conseguinte a forma como esta agência responde, interpreta e cumpre a sua missão no mundo actual do século vinte e um. Enquanto continuamos a ter tendência para pensar que o nosso ambiente religioso é relativamente estável e bem delineado relativamente ao lugar que ocupa entre as principais religiões do mundo, tais como o cristianismo, o judaísmo, o islamismo, etc., a realidade é que o mundo está a presenciar uma proliferação assombrosa de novos movimentos religiosos, assim como de mutações extremas dos movimentos religiosos históricos. David Barrett, que foi durante muito tempo redactor de uma das mais bem conceituadas enciclopédias, a *World Christian Encyclopedia (Enciclopédia Mundial Cristã)*, chama a atenção para o facto de que “Está a acontecer uma *imensa* transformação religiosa que abarca diariamente todo o mundo. Trata-se de uma transformação de grande amplitude, complexa e constante. Foram identificadas cerca de 10 mil religiões diferentes a nível mundial que aumentam numericamente a sua presença em dois ou três movimentos religiosos por dia”.²

A Cristandade não está, de forma nenhuma, isenta deste fenómeno. Pelo contrário, tal como Barrett sublinha, os “*novos movimentos não só fazem parte do cristianismo, como também constituem uma grande parte deste. . . . Segundo os cálculos, as igrejas independentes relativamente novas da Cristandade, têm atingido cerca de 390 milhões de adeptos, o que representa 20 por cento da população do mundo cristão*”.³ Calcula-se que por si só, os movimentos pentecostais abarcarão mais de mil milhões de aderentes a nível mundial antes do ano 2050.

Estes factos motivaram Philip Jenkins, autor do surpreendente livro intitulado *The Next Christianity (A Próxima Cristandade)*, a concluir que o cristianismo está viver um momento “*tão histórico, como o foi a própria Reforma. . . O cristianismo na sua*

totalidade cresce e transforma-se em formas que os observadores no Ocidente têm tendência a não ver". Na realidade, não só os centros geográficos vitais da presença do cristianismo se têm mudado para a África, a Ásia e a América Latina, do hemisfério Norte para o hemisfério Sul, mas em termos tanto da teologia como do ensino da moral, a Cristandade do hemisfério sul tem tendência a ser muito mais conservadora, optando por expressões de sobrenaturalismo e de ortodoxia cristã a que muitos dos seus semelhantes cristãos do hemisfério norte resistem e consideram como antiquadas, supersticiosas e autoritárias. Este facto leva Jenkins a concluir que, *"é muito provável que daqui a uma década ou duas, nenhum dos dois componentes do cristianismo global [norte ou sul], será capaz de reconhecer na sua contraparte um testemunho que seja completamente cristão ou autêntico"*.⁴ Não é necessário aceitar o presságio que Jenkins vaticina como causa fundamental desta rotura hemisférica do Cristianismo, para dar crédito à veracidade das suas palavras quando Jenkins nos diz que, *"estamos a viver uma época revolucionária"*.⁵

Para obter líderes globais para uma igreja global

A pergunta que se nos deparou no princípio confronta-nos agora com uma maior urgência e intensidade, a todos nós que fazemos parte desta Junta. *O que se requer da Junta Geral de Ensino Superior e Ministério para que possa guiar a igreja a fim de proporcionar uma preparação adequada aos futuros líderes para que estes sejam devidamente equipados para dirigir a Igreja Metodista Unida no ministério visionário e profético que estes tempos revolucionários exigem?*

Tanto eu como todo o pessoal da Junta, estamos completamente persuadidos de que para poder guiar a Igreja para além da confusão e ambivalência actuais sobre a sua liderança, é indispensável que esta Junta venha a ser uma comunidade capaz de exprimir com clareza os fundamentos bíblicos e teológicos e que possa desenvolver uma visão pertinente acerca da liderança a nível da missão. Não podemos permitir que nos acusem de sermos culpados do pecado de expectativas mínimas. Todos nós, os funcionários da Junta e agora vós, juntamente connosco, estamos a enfrentar o desafio das expectativas exprimidas nesta visão de liderança.

Os perímetros desta visão são evidentes no nosso "Plano Estratégico". Quando iniciámos a jornada para executar este plano estratégico a nível de toda a Junta, comuniquei a todo o pessoal que este Plano não seria apenas mais um documento para arquivar, mas que constituiria *"um plano para levar a cabo o plano"*. E estou reconhecido pelo facto de que todo o pessoal se está a mover com determinação e rapidez nessa direcção. As conversas às quais serão convidados a participar como directores, juntamente com o pessoal que envolverem no decorrer destas conversas durante os próximos anos, trarão mais clareza, aprofundarão e enriquecerão cada vez mais esta visão. Juntos teremos que participar em diálogos que nos ajudem a entender se é necessário que façamos correcções à medida que avançamos. Estas conversas são sumamente importantes e planeamos realizá-las com frequência.

Entretanto, permitam-me que compartilhe convosco os perímetros da visão de liderança que julgamos serem necessários para a Igreja Metodista Unida nestes tempos

revolucionários. Para dizê-lo com mais precisão, *a nossa visão é uma visão de formar líderes globais para uma igreja global*. É uma visão de líderes metodistas unidos, que se inspira mais uma vez num astuto sacerdote anglicano do século dezoito que, ao efectuar uma entrevista com o bispo de Londres, teve a audácia de mencionar que “considerava todo o mundo como a sua paróquia”. A nossa visão é uma visão conjunta com este pensar de John Wesley que nos permite atrevermo-nos a sonhar com o grande motivo pelo qual Deus levantou o povo chamado Metodista, cuja visão do ministério da igreja é tão ampla e tão extensa como o seu próprio sistema de relação conexional e da sua razão de ser. Como será um líder global para uma igreja global? Existem muitas características que se podem utilizar para descrever o perfil de um tal líder. Quero partilhar convosco apenas três delas que, na minha opinião, se destacam e são essenciais.

Os líderes globais para uma igreja global são os guardiões da conexão.

Apesar de ter sido baptizado na igreja, foi por *decisão própria* que sou membro da Igreja Metodista Unida. Sou metodista unido porque a minha igreja tem uma visão (pelo menos segundo se encontra declarado na sua compreensão histórica da fé cristã) que é capaz de abranger todos aqueles que nomeiem Jesus Cristo como o seu Senhor. Como pertencem a este tipo de líderes, os metodistas unidos não ousam abandonar o seu esplêndido projecto de uma igreja global. Estes líderes não se atrevem a desdenhar as realidades históricas que nos geraram, porque estão convencidos de que, sejam quais forem os desígnios finais do sonho divino para a igreja de Jesus Cristo, esta deve parecer-se muito a uma tapeçaria que estes estão a tecer com a diversidade assombrosa de tons, de idiomas, de culturas e de tradições que fazem parte da conexão metodista unida.

Estes líderes também estão cientes de que, nos nossos dias, manter vivo este sonho sublime acarreta grandes desafios porque existem muitas influências, subtis e evidentes, que ameaçam minar a rede da conexão metodista. A partir das mudanças sísmicas que estão actualmente a redefinir o mundo em que vivemos, surge uma aldeia global com abundantes oportunidades para o ministério. No entanto, a dita aldeia global também constitui um terreno fértil para a suspeita, a animosidade, os malentendidos e as divisões, que podem destruir a pouco e pouco a fidelidade para com a nossa missão. Para alguns dos membros, a suspeita e mesmo o receio provocado pelas pessoas estranhas, pelos estrangeiros e pelos desconhecidos, empobrecem o sonho e o desejo de uma igreja global. Para outros, a mudança da aparência geral das pessoas que pertencem à igreja, o predomínio crescente das pessoas de aspecto diferente e com uma cor de pele diferente, o som estranho das suas vozes e das suas línguas e os seus costumes e tradições exóticas, levam os membros da igreja local a ajustar a sua visão ao seu nível local, que é conhecido, familiar e habitual.

Mas, apesar disso, os líderes para uma igreja global vigiam com imenso zelo esta conexão global, porque a sua forma de ser igreja e o seu compromisso para com a unidade, se devem precisamente à sua vasta diversidade. Este é um dom extraordinário para o cristianismo emergente dos nossos dias, através de formas que o próprio John Wesley jamais poderia ter previsto e a sua criação de um sistema conexional metodista

serve de fundamento sólido para os herdeiros de Wesley neste século vinte e um, para que possamos envolver o tipo de mundo que descrevi anteriormente.

Nestes nossos tempos revolucionários, quando os perigos da fragmentação e as fissuras sociais são maiores do que nunca, os metodistas unidos apresentam ao mundo ecuménico uma visão do corpo de Cristo que se recusa a crer que poderá chegar o dia em que os cristãos do norte e do sul não se poderão reconhecer uns aos outros como autênticos cristãos. No entanto, para cultivar e manter uma tal visão é necessário a existência de líderes que tenham uma maturidade espiritual extraordinária, que sejam teologicamente aptos e que possuam um espírito prático de inovação. Todos vós e eu temos a grande responsabilidade de guiar a nossa bem amada igreja na função de formar, preparar e utilizar esses líderes. Permitam-me que repita mais uma vez, que juntos estaremos a fazer um trabalho sumamente importante, o trabalho mais desafiante e, no entanto, mais inspirador que jamais fomos chamados a fazer.

Os líderes globais para uma igreja global são os portadores de uma visão renovada da igreja.

A visão destes líderes é a visão de uma Igreja Metodista Unida que recupera o seu espírito nitidamente Metodista; são líderes com a disposição de não sucumbir a nenhum interesse de egoísmo denominacional ou de ansiedade preocupante pelo receio da sua própria sobrevivência. Antes e de preferência, adoptam para este momento histórico e novo dia, o propósito para o qual John Wesley se sentiu compelido a organizar o movimento chamado metodista. Como bem o sabem, o movimento metodista começou como uma “ordem evangélica” que procurou com fervor “despertar os irmãos”⁶ da bem amada Igreja de Inglaterra de John Wesley. Desde o seu início que o movimento metodista existiu não para o seu próprio bem, mas para o bem de uma maior catolicidade que trouxesse a cura ao espírito da Igreja Anglicana para que através dela pudesse curar o espírito do *ecumene* e do mundo.

Tal como o reconhecido erudito wesleyano, Albert C. Outler afirma, o “padrão eclesiológico particular do metodismo foi realmente concebido para funcionar o melhor possível dentro de um ambiente que abarca (o espírito de) a catolicidade. . . uma comunidade cristã efectiva e universal”.⁷ Por conseguinte, o metodismo viu-se como um projecto (*ad interim*)⁸ temporal e provisional⁹, alargando-se ao serviço de um propósito maior. Estas palavras de John Wesley sobre a missão metodista são simultaneamente penetrantes e comovedoras: “Nós (os metodistas) somos aqueles que estão mais dispostos a sacrificar e a sacrificarmo-nos por eles [os irmãos anglicanos]; sim, ‘dar as nossas vidas pelos nossos irmãos’”.¹⁰ Existe pois, no fundo do espírito do Metodismo um profundo desejo de oferecer-se, de ser esvaziado ao serviço dos demais, a fim de dar lugar à intenção divina de cumprir a sua missão no mundo.

Que sucederia se os metodistas unidos pudessem recuperar de novo este espírito, esta visão de uma comunidade de discípulos decididos a viver não para si mesmos, mas para o bem mais geral do reino de Deus? Não se recusariam a aceitar uma denominação que existe, segundo as palavras memoráveis de Albert Outler, “*ecclesia per se*” (igreja por si mesma) motivada por um afã excessivo de manutenção institucional e

empresarial?¹¹ Não se oporiam eles implacavelmente a qualquer tendência que produzisse incerteza e insegurança, uma sensação de confusão social, espiritual e intelectual e de mal-estar geral como as que acompanham inevitavelmente as épocas de profunda mudança e que despertam o impulso de controlar, de reinar no caos, de voltar a traçar os limites familiares, para tentar alcançar um passado que já se foi? Acaso não ofereceriam uma visão de uma Igreja Metodista Unida que é hospitaleira, uma comunidade de crentes que considera e aceita as pessoas desconhecidas, os outros, as pessoas diferentes, como se fosse a própria face do Crucificado e com amor piedoso abra os braços em forma de recebimento e acolhimento? Uma comunidade de crentes que recusa as distinções que possam existir entre os seus membros e os de fora, uma atitude de distinção entre *eles e nós*, atitudes que facilmente levantam barreiras que excluem e que dividem? Uma comunidade que no próprio espírito do nosso antepassado John Wesley, estende a sua mão àqueles que ficaram para trás como vítimas inevitáveis do chamado “progresso”? Acaso esta comunidade não apresentaria a visão de uma igreja Metodista Unida que existe nestes tempos revolucionários como uma comunidade de crentes de “vínculos abertos”, para nos servirmos da distinta frase do teólogo Serene Jones, dando-lhe uma forma peculiar como corpo de Cristo pelos limites da graça da sua doutrina e disciplina, de sacramento e de serviço? Uma tal comunidade, “inclina-se pela adoção de uma atitude de abertura”,¹² que ultrapassa todas as barreiras de temor e de suspeita, acolhendo o estrangeiro, o desconhecido, aquele que não é como nós, com uma confiança afirmada e fundamentada não só na sua própria credulidade, mas também no amor sem limites do abraço cosmológico de Deus. Recai pois sobre os directores desta Junta e sobre o pessoal da agência, a responsabilidade sagrada de liderar a nossa bem amada igreja na capacitação de líderes que possuam estas qualidades. Permitam-me que repita mais uma vez, que juntos estaremos a fazer um trabalho sumamente importante, o trabalho mais desafiante e, no entanto, mais inspirador que jamais nos foi pedido que fizéssemos.

Os líderes globais para uma igreja global são defensores de uma liderança bem preparada.

Para os líderes globais, a disciplina de “amar a Deus com toda a nossa mente e entendimento”, para usar uma frase do Dr. Thomas Trotter, Secretário Geral fundador desta Junta, não é nem opcional nem auxiliar à sua vocação para ser líder. Na verdade, é a “expressão vital” de um discipulado fiel à maneira metodista, tal como se refere no Plano Estratégico. Por isso se apela para uma renovação da visão wesleyana de liderança que reincorpore a união da razão e a piedade vital, a excelência intelectual e a santidade de vida e coração. Para estes líderes, qualquer separação do coração e da mente, ou o denegrir do “teológico” a favor do “prático e utilitário” é tão afastado do espírito do Metodismo como lhe é pernicioso e é uma prática que a igreja não pode aceitar face aos desafios sociais, transcendentais, teológicos e institucionais que surgirão no futuro próximo.

Os líderes globais para uma igreja global, defendem sem compromissos e sem desculpas a existência de líderes devidamente *formados e que eduquem*. Estão cientes de que é necessário sanar as divisões dolorosas, o rancor prejudicial, as falsas dicotomias e

as categorias simplistas que estão a fracturar o nosso diálogo comunal e também restaurar o exercício de conferenciar com santidade segundo o Modo Metodista que chama os líderes com uma visão e uma esperança que emanem de um tipo de discernimento e sabedoria que só é possível através de uma aprendizagem rigorosa, vasta e contínua. Estes líderes lutam por nada menos do que o desfrutar de um novo espaço público, em que os assuntos que definem a nossa missão e o nosso ministério sejam apresentados, discutidos e resolvidos para além das classificações e categorias, das dicotomias e das etiquetas simplistas que por agora mantêm cativos o diálogo e as conversas respeitadas sobre a vida da igreja.

Os líderes globais para uma igreja global seguem uma visão que é inspirada pela excelente herança do Metodismo, que preconiza proporcionar a todos o acesso ao ensino, particularmente aos pobres e aos deserdados. A começar com a fundação da Escola de Kingswood, por John Wesley, no ano de 1748, os Metodistas têm mantido um apreço profundo pelo ensino e pela educação como uma ferramenta que proporciona grandes benefícios e que oferece muitas oportunidades para o melhoramento e o aproveitamento pessoal e social. No entanto, o acesso a um ensino de alta qualidade tem sido sempre uma questão de justiça. Por conseguinte, os líderes globais para uma igreja global prevêm o estabelecimento de uma rede metodista de instituições educativas que se alargue por todo o mundo, formando e preparando líderes com os suficientes recursos morais, intelectuais e espirituais para poder orientar a igreja e a sociedade através de mudanças profundas.

Por isso, não nos surpreende saber que esta agência patrocinou e conseguiu a aprovação de um Fundo Global para o Ensino [*Global Education Fund*], cuja finalidade é dar apoio às necessidades das instituições de ensino superior da igreja em vários países do mundo. Também não nos devemos surpreender com o facto da passada Conferência Geral ter aprovado o Plano Estratégico da Junta Geral de Ensino Superior para a revitalização da Igreja Metodista Unida. Nem deve surpreender ninguém que uma estratégia chave do Plano Estratégico seja dedicada exclusivamente ao trabalho de reconstruir nos nossos dias uma rede metodista unida dedicada ao ensino.

Finalmente, estes líderes globais reconhecem que o discurso teológico deve estabelecer-se em comunidades onde exista o respeito mútuo, a confiança e o afecto e sobretudo um espírito de responsabilização. Porque tal como John Wesley nos ensinou, para os metodistas, o discurso teológico que transforma e cura, tanto é uma questão de ter um bom coração como de ter uma boa mente. Portanto quero pedir-lhes que orem comigo por líderes que tenham a visão, a tenacidade e a persistência para poder levar a nossa igreja para além do seu extenuado impasse politicamente infestado, para um local cheio de esperança onde a mente e o coração, a razão e a piedade, possam ser renovadas e revigoradas.

Os líderes globais para uma igreja global não têm nenhuma ilusão sobre os desafios contidos no apelo para uma liderança erudita, para um mundo em que predominam os comentários mordentes, para uma igreja na qual um anti-intelectualismo incipiente, com frequência, enfraquece insidiosamente as expectativas da boa pregação e da instrução cristãs que perturbam as mentes e os corações, supostamente pelo bem do Reino do Senhor. Estes líderes sabem que a defesa e os esforços por uma disciplina

pessoal de desenvolvimento contínuo, teológico e intelectual, por um sistema que responsabilize todos os líderes metodistas unidos, desde os pastores locais, passando pelos diáconos, pelos presbíteros, até aos bispos, constitui nada menos que ir contra a corrente. No entanto, o seu compromisso para com a nossa bem amada igreja e as necessidades urgentes de uma época sumamente complexa assim o exigem. Esta agência tem a responsabilidade de liderar a igreja na preparação adequada de uma geração de líderes motivados por uma tal visão. Mais uma vez me atrevo a repetir que juntos estaremos a fazer um trabalho sumamente importante, o trabalho mais desafiante e mais inspirador que jamais nos foi confiado.

Conclusão

Para concluir este relatório, permitam-me fazer incidir estes comentários sobre a jornada que vamos percorrer juntos. Não creio estar a exagerar ao sugerir-lhes que o nosso êxito em poder dirigir a igreja na preparação, no ensino e no apoio de líderes globais para um mundo global, deverá estar em proporção directa com a *nossa* vontade e capacidade colectiva de poder incorporar e projectar esta visão na nossa vivência comum como membros e funcionários da Junta Geral de Ensino Superior e Ministério. Mas será que poderemos, verdadeiramente, esperar que a igreja responda a esta visão de liderança que explicitámos, se nós próprios não aspirarmos a ser líderes que se caracterizam pela sua integridade intelectual, moral e espiritual e pela sua santidade de vida e de alma? Ao enfrentar o apelo doloroso do mundo e as suas carências, os desafios imensos destes tempos tão turbulentos e, o compromisso para com a igreja e por amor a ela, que sinto estarem presentes nesta sala em todos vós, não tenho dúvida de que com o sopro do vento divino a soprar nas nossas costas, não só faremos frente a este desafio, mas também o ultrapassaremos.

O Plano Estratégico da Junta Geral de Ensino Superior e Ministério é o fundamento da visão de liderança que lhes comuniquei. Este reflecte uma jornada de discernimento que começou pouco depois de eu ter sido nomeado Secretário-Geral. Este Plano Estratégico é o ponto de partida para se poder compreender os sonhos e as aspirações que motivam o trabalho dos membros desta Junta. Mas este plano representa uma jornada que já está em marcha e cujo êxito depende da sua vitalidade, da sua sabedoria, das suas observações sérias e da sua capacidade visionária. Este é um momento propício para todos nós podermos examinar a nossa jornada até agora e para deliberarmos em conjunto sobre como a visão, a missão, os valores fundamentais e os objectivos do Plano Estratégico se podem converter no “projecto” para o nosso trabalho em conjunto durante os próximos anos.

Quero concluir os meus comentários fazendo menção a duas promessas a Nosso Senhor. A primeira é: *“E, a qualquer a quem muito for dado, muito se lhe pedirá; e, ao que muito se lhe confiou, muito mais se lhe pedirá”*. (S. Lucas 12: 48 a). A segunda promessa é: *“Um semeador saiu a semear a sua semente, e, quando semeava, caiu alguma junto do caminho . . . E outra caiu em boa terra, e, nascida produziu fruto, a cento por um”*. (S. Lucas 8: 5, 8). Ao começar este novo século, faço votos para que possamos seguir o divino Semeador que nos guia para a boa terra e sob a direcção do Seu

Espírito cultivemos com fidelidade aqueles a quem Ele chamou para que possamos atender ao cultivo dos campos até que chegue a altura da colheita.

Mais uma vez, vos quero dar as boas-vindas à Junta Geral de Ensino Superior e Ministério. Juntos poderemos forjar uma equipa formidável que esteja preparada e que seja capaz de guiar a nossa maravilhosa igreja na divina tarefa de recrutar, formar, cultivar e enviar líderes globais para servir uma igreja global.

Notas explicativas

1. “American FactFinder,” *U.S. Census Bureau* (16 October 2003), online: http://factfinder.census.gov/jsp/SAFFInfo.jsp?_pageId=t9_race_ethnicity; Paul Campbell, “Population Projections: States, 1995–2025,” *Current Population Reports* (U.S. Department of Commerce, 1997); “National Population Projections,” *U.S. Census Bureau*, online: <http://www.census.gov/population/www/pop-profile/natproj.html>; “U.S. Interim Projections by Age, Sex, Race, and Hispanic Origin,” *U.S. Census Bureau* (March 18, 2004), online: <http://www.census.gov/ipc/www/usintermproj/>.
2. Citado de Toby Lester, “Oh, Gods!” *The Atlantic Monthly* (February 2002): 38.
3. *Ibid.*, 44.
4. Philip Jenkins, “The Next Christianity,” *The Atlantic Monthly* (October 2002): 54, 59.
5. *Ibid.*, 68.
6. John Wesley, “Reasons against Separation from the Church of England”, in *The Works of John Wesley* (Grand Rapids: Zondervan, 1882), 13:227.
7. Albert C. Outler, “Do Methodists Have a Doctrine of the Church?” em *The Doctrine of the Church*, ed. by Dow Kirkpatrick (Nashville: Abingdon, 1964), 26-27.
8. *Ibid.*, 27.
9. Michael C. Cartwright discute e apela para a recuperação do conceito metodista de missão como um acto temporal, no âmbito da missão mais ampla do corpo de Cristo em “The Pathos and Promise of American Methodist Ecclesiology,” *The Asbury Theological Journal* 47/1 (Spring 1992):7-25.
10. Wesley, “Reasons Against Separation from the Church of England”, 228.
11. Outler, “Do Methodists Have a Doctrine of the Church?” 26.
12. Consultar Serene Jones em, “Bounded Openness: Postmodernism, Feminism, and the Church Today,” *Interpretation* 55/1: 49-60.

Registro de direitos de autor: Copyright © 2007 pela Junta Geral de Ensino Superior e Ministério da Igreja Metodista Unida. Reservados todos os direitos.

Não se pode reproduzir nenhuma parte desta publicação de forma alguma, seja por impressão ou ficheiro electrónico, sem autorização por escrito, salvo no caso de breves citações incorporadas em artigos ou revisões críticas. Para informação sobre os direitos e autorizações, contactar o Office of Interpretation, General Board of Higher Education and Ministry, P.O. Box 340007, Nashville, TN 37203-0007, P. O. Box 340007, Nashville, TN 37203-0007; telefone 615-340-7383; fax 615-340-7048; e-mail hpieterse@gbhem.org. Visite a nossa página da Web em www.gbhem.org.